

Feiras agroecológicas: mulheres amazônicas fortalecendo trocas e saberes

Rita de Cássia Fraga Machado¹, Luyandria Farias Balbino², Juliana Rodrigues Larossa Oler³

Resumo

O Projeto das Feiras de Agroecologia, realizado com as mulheres amazônicas, pela Universidade Estadual do Amazonas, teve o propósito de atingir, por meio da extensão universitária, a comunidade acadêmica, outras instituições e as mulheres de comunidades tradicionais indígenas e não indígenas. O projeto com as mulheres, baseado em premissas agroecológicas e feministas, mostra a dinâmica associativa por meio de métodos ecológicos, objetivando a sustentabilidade. Por meio de encontros e reuniões são organizadas as feiras agroecológicas assim como a seleção das mulheres que irão comercializar seus produtos. As feiras são, assim, uma forma de empoderamento feminino, econômico e social, que servem como opção de renda extra para famílias, que residem na região do médio Solimões/Amazonas. Neste texto, apresentamos o resultado do projeto, descrevendo a metodologia de construção das feiras, construindo um relato de experiência reflexivo e apresentando notas conclusivas sobre a importância do trabalho realizado em comunidade.

Palavras-chave

Mulheres. Agroecologia. Empoderamento feminino. Sustentabilidade. Feiras agroecológicas.

¹ Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil; estágio pós-doutoral em Educação na Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Rio Grande do Sul; professora da Universidade do Estado do Amazonas, Tefé, Amazonas, Brasil. E-mail: rmachado@uea.edu.br.

² Graduanda em Ciências Biológicas na Universidade do Estado do Amazonas, Brasil. E-mail: lfb.bio16@uea.edu.br.

³ Doutora em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Rio Claro, São Paulo, Brasil; pesquisadora no Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá, Tefé, Amazonas, Brasil. E-mail: juliana.oler@mamiraua.org.br.

Agroecological fairs: amazonian women strengthening exchanges and knowledges

Rita de Cássia Fraga Machado⁴, Luyandria Farias Balbino⁵, Juliana Rodrigues Larossa Oler⁶

Abstract

The Agroecology Fairs Project, carried out with Amazonian women, by the State University of Amazonas, had the purpose of reaching the academic community, other institutions and women from traditional indigenous and non-indigenous communities through university extension. The project with women, based on agroecological and feminist premises, shows the associative dynamics through ecological methods, aiming at sustainability. Through meetings and reunions, agroecological fairs are organized as well as the selection of women who will market their products. The fairs are, thus, a form of female – economic and social – empowerment, which serve as an option of extra income for families, who live in the region of the middle Solimões/Amazon. In this text, we present the result of the project, describing the construction methodology of the fairs, building a reflective experience report and presenting conclusive notes on the importance of the work performed in the community.

Keywords

Women. Agroecology. Female empowerment. Sustainability. Agroecological fair.

⁴ PhD in Education, Federal University of Rio Grande do Sul, State of Rio Grande do Sul, Brazil; postdoctoral internship in Education at the University of Vale do Rio dos Sinos, State of Rio Grande do Sul, Brazil; professor at the State University of Amazonas, Tefé, State of Amazonas, Brazil. E-mail: rmachado@uea.edu.br.

⁵ Undergraduate student in Biological Sciences, Amazonas State University, State of Amazonas, Brazil. E-mail: lfb.bio16@uea.edu.br.

⁶ PhD in Biological Sciences, Paulista State University “Júlio de Mesquita Filho”, Rio Claro, State of São Paulo, Brazil; researcher at the Mamirauá Sustainable Development Institute, Tefé, State of Amazonas, Brazil. E-mail: juliana.oler@mamiraua.org.br.

Introdução

As mulheres – rurais ou urbanas, de populações tradicionais ou não, indígenas ou não indígenas – são as principais responsáveis por prover e preparar os alimentos para a família. Cuidam da saúde e educação das filhas e filhos, buscam estratégias para a promoção de hábitos saudáveis no meio familiar e acumulam, assim, conhecimento e experiência em áreas relevantes para promoção da autonomia, saúde e soberania alimentar dos indivíduos.

Segundo Siliprandi (2011), a imagem criada pela sociedade da mulher como a responsável pelo cuidado da família, cuidadora do lar, longe do meio de produção e das tomadas de decisões é o fator condicionante da exclusão dos centros de decisões sociais. Então trabalhar com o reconhecimento dos saberes e experiências femininas na promoção da autonomia, saúde e soberania alimentar deve ser acompanhado de uma discussão de como valorizá-lo sem reforçar a ideia de que esse é seu único papel social.

As mulheres constituem a categoria mais pobre do mundo, e, paralelamente, mesmo que sem o reconhecimento, possuem grande protagonismo na minimização dos impactos da pobreza em suas famílias (NANDI, 2014). Pois têm em seus quintais, hortas, canteiros, áreas manejadas, espaços provedores de possibilidades e de reprodução de experiências, um conjunto de plantas e animais, que são responsáveis não apenas pela alimentação saudável da família, mas também são fonte de remédios, espaços de interação social, gerenciado pelas mãos femininas.

A insustentabilidade do modo atual de produção de alimentos se torna cada vez mais evidente, visto que é incapaz de equilibrar as demandas sociais com os recursos naturais e financeiros disponíveis, gerando degradação ambiental, fome e miséria, especialmente entre as populações pobres de países em desenvolvimento. Para Oler (2017), esse sistema global agroalimentar, pautado no modelo de agroindústria, não apenas esgota o ambiente do qual depende como também exclui as produtoras e produtores mais pobres, ajudando a eternizar tal condição. Sendo assim, a manutenção dos espaços manejados pelas mulheres para produção de alimentos, remédios e utensílios, torna-se não só uma alternativa de trabalho como também uma resistência ao sistema vigente, o que torna ainda mais importante a figura feminina no contexto social.

Segundo Freitas e Blanco (2010), muitas mulheres encontram na Agroecologia o arsenal metodológico para manterem seus espaços cultivados. Pois é uma ciência que fornece os princípios ecológicos básicos para o estudo e tratamento de ecossistemas tanto produtivos

quanto mantenedores dos recursos naturais, e que sejam culturalmente sensíveis, socialmente justos e economicamente viáveis, proporcionando, assim, um agroecossistema sustentável.

Para Altieri (2008), a Agroecologia trata-se de uma nova abordagem que integra os princípios agronômicos, ecológicos e socioeconômicos à compreensão e avaliação do efeito das tecnologias sobre os sistemas agrícolas e a sociedade como um todo. Ela utiliza os agroecossistemas como unidade de estudo, ultrapassando a visão unidimensional – genética, agronomia, edafologia – incluindo dimensões ecológicas, sociais e culturais. Implementá-la como uma proposta emancipatória e pedagógica, é uma prática econômica sustentável, pois se organiza para ser economicamente vantajosa tanto aos fornecedores, quanto ao grupo de consumo (SANTOS; CHALUB-MARTINS, 2012).

Dois processos de mudança têm sido observados com frequência na região do médio Solimões: a intensificação dos fluxos cidade-campo – em que principalmente as jovens procuram sair da zona rural para ter acesso a educação e empregos –, e a frequência de eventos extremos climáticos – enchentes e secas que impactam os sistemas de produção. No entanto, para um entendimento dos sistemas agrícolas locais é necessário considerar quais são as forças que moldam as mudanças localmente, e como essas mudanças afetam a vida das agricultoras.

Considerando o panorama apresentado, o projeto “Feira Agroecológica com Mulheres” constitui uma estratégia pensada por diversas entidades da sociedade civil organizadas do município de Tefé e Alvarães, entre elas Universidade do Estado do Amazonas (UEA), Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá (IDSM), Instituto Federal de Educação Tecnológica do Amazonas (IFAM), Associação de Produtores Agroextrativistas da Flona de Tefé e Entorno (APAFE), Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMbio), Secretaria de Produção do Município de Tefé (SEMPA) e Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), para buscar compreender quais as dificuldades enfrentadas pelas mulheres ribeirinhas.

O projeto tem como objetivo promover e organizar feiras agroecológicas que viabilizem uma alternativa de comercialização da produção das agricultoras da região de Tefé em pequena escala e grupos produtivos. Além disso, proporcionar às produtoras da agricultura familiar oportunidade de produção agroecológica e sustentável. Também busca proporcionar espaços de aprendizagens interdisciplinares com palestras e oficinas relacionadas ao tema central desse projeto, buscando a socialização das produtoras rurais com o centro acadêmico e as demais instituições parceiras.

Buscamos com esse relato divulgar os resultados obtidos até o momento, contribuindo para a discussão e construção de espaços para fortalecimento feminino em diferentes realidades.

Agroecologia e mulheres

A crescente preocupação mundial dos cientistas e do poder público com os impactos causados pela produção de alimentos, dá-se em um cenário onde a agricultura é ainda pautada pelos paradigmas produtivistas, baseados na mecanização, uso de sementes melhoradas, insumos químicos e biológicos, em busca do aumento da produção. Segundo Shiva (2016), os “desertos verdes”, monoculturas voltadas à exportação, atendem a objetivos econômicos e não alimentícios, levando à perda ou supressão severa da agrobiodiversidade, e com consequências locais (diminuição da autonomia dos agricultores, degradação ambiental, riscos à saúde), regionais/nacionais (ameaças à segurança e soberania alimentar), e global (erosão genética e cultural).

Os processos de modernização da agricultura mundial, iniciados a partir da década de 1950, com a introdução e expansão dos paradigmas da Revolução Verde, foram marcados por intensas alterações nas dinâmicas de produção. Profundas mudanças ocorreram no cenário agrícola, como a adoção dos monocultivos em grande escala, que favoreceu a consolidação de paisagens cada vez mais simplificadas e vulneráveis, gerando um incremento na utilização dos agrotóxicos (ALTIERI, 2002). Apesar da Revolução Verde surgir como única solução para o combate à fome mundial, ela acabou gerando sérios problemas sociais e ecológicos.

Segundo dados da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO, 2017) atualmente mais de 11% da população mundial sofre com a fome e a desigualdade socioeconômica rural. Dessa forma, a agroindústria somente serviu para consolidar a erosão genética de espécies selvagens e domesticadas, além da contaminação dos recursos naturais e intensivo êxodo rural, contribuindo para o crescimento desordenado das cidades e para o aumento de subempregos (AMOROZO, 2007; CAMARANO; ABRAMOVAY, 1999).

No intuito de ir contra a agroindústria, a preocupação com o ambiente e contra o desemprego dos menos privilegiados, surgiu a Agroecologia. Essa ciência ou prática apresenta-se como um movimento de resistência que busca, através de suas técnicas, não apenas minimizar os impactos ambientais, mas também, com a sua abordagem inclusiva,

combater os processos de exclusão e expulsão de inúmeras famílias do campo e, ainda, a predominância de uma hierarquia patriarcal nas atividades rurais (SCHNEIDER; WEDIG, 2020).

No Brasil, por sua vez, os debates agroecológicos se fortaleceram a partir dos anos de 1980. Movimentos de oposição às consequências ambientais (aumento das contaminações causadas pelos agrotóxicos, descontrole das pragas e doenças, degradação dos solos e dos recursos hídricos) dos processos de modernização da agricultura juntaram-se a movimentos que discutiam as severas consequências sociais (concentração de terra que leva à pobreza e exclusão no campo, precarização das relações do trabalho, êxodo rural) para pensarem em agriculturas alternativas (FERREIRA; MATTOS, 2017).

Para Caporal (2009), a Agroecologia, apesar de ser comumente conhecida como um modelo de agricultura sustentável ou como prática mais adequada, não deve ser tratada simplesmente como uma agricultura alternativa, visto que ela adota enfoques holísticos e sistêmicos para abordar as inter-relações entre agricultores e o ambiente que manejam. Podemos dizer que ela é uma ciência interdisciplinar, pois envolve diálogo e trocas de saberes, buscando valorizá-los além de se preocupar com processos ecológicos.

Diferentes movimentos sociais rurais adotaram o caráter interdisciplinar e inclusivo da Agroecologia para tratar os problemas sociais, econômicos e ambientais que marcam a vida no campo. O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), por exemplo, usou a Agroecologia nos debates sobre reforma agrária, buscando a garantia da soberania alimentar, a valorização do papel e cultura dos camponeses e a diminuição da exploração do trabalho no campo. Já o Movimento das Mulheres Camponesas (MMC) adotou a Agroecologia como importante ferramenta para emancipação feminina, garantindo a possibilidade de independência financeira das mulheres camponesas, principalmente por apresentar potencial para diminuir a desigualdade de gênero enfrentada por elas, dando voz às questões femininas, muitas vezes ignoradas mesmo dentro de movimentos sociais (SARAGOSO; MACHADO; GARCIA, 2018).

A Agroecologia e o feminismo destacam a importância dos saberes e práticas tradicionais, transmitidos através das gerações. Estimulam os diálogos e trocas de experiências entre as agriculturas, buscando a valorização do conhecimento local. Dessa forma, “introduzir o feminismo na construção do campo agroecológico contribui para a ampliação do enfoque que vai além das questões tecnológicas, produtivas e ambientais. As

questões sociais ganham evidência, incluindo a busca da justiça e da equidade nas relações de gênero.” (FERREIRA; MATTOS, 2017, p. 41).

Construção coletiva e participativa das feiras

A metodologia adotada para execução do projeto conta com a realização de reuniões com os parceiros apoiadores do projeto e com as mulheres participantes, para discussão das atividades, procurando melhorias e buscando analisar as propostas das ações que são desenvolvidas. Além das reuniões são realizadas também oficinas onde são tratados assuntos que possibilitem a melhoria da produção assim como os problemas enfrentados pelas mulheres participantes, tanto na produção como também na sua locomoção até a cidade nos dias da realização das feiras.

Antes do dia da realização das feiras, as mulheres são comunicadas da data de cada feira, as quais são definidas nas reuniões, para que todas possam se programar e para que o material de divulgação possa ser preparado. Para o dia da feira, bolsistas e/ou voluntários arrumam o local onde as mulheres venderão os produtos. Os membros do projeto também são responsáveis por conseguirem as mesas e as cadeiras usadas na feira e o transporte para conduzir as mulheres com seus produtos do porto até o local. Também são responsáveis por conseguirem com os parceiros do projeto o combustível que elas precisam para se deslocarem de suas comunidades até a cidade.

Execução das feiras

Durante os dois anos do projeto, tivemos edições que se destacaram pelo sucesso de venda e público, entre elas a primeira feira realizada no dia 31 de agosto de 2018 no centro de convivência do CEST-UEA (Foto 1), na qual havia uma diversidade de produtos agroecológicos.

E, ao final da Feira, ocorreu o lançamento do livro “Mulheres, Organização e Produção Agroecológica - Floresta Nacional de Tefé” (Foto 2), com a participação das mulheres da Floresta Nacional de Tefé (Flona) e Missões.

Foto 1 – Primeira feira realizada no CEST-UEA



Fonte: Arquivos feiras, 31/08/19, CEST-UEA, Tefé-AM.

Foto 2 – Lançamento do livro *Mulheres, Organização e Produção Agroecológica - Floresta Nacional de Tefé*, realizado durante a primeira feira agroecológica no CEST-UEA.



Fonte: Arquivos feiras, 31/08/2019, CEST-UEA, Tefé-AM.

Outra feira importante foi a terceira, executada nos dias 24 e 25 de novembro de 2018. Ela ocorreu em paralelo à feira do Pirucu Manejado. Essa edição foi realizada na praça Mirante das Mangueiras, localizada no centro da cidade de Tefé (Foto 3). E, assim como na primeira edição, havia diversos produtos agroecológicos e artesanatos produzidos pelas mulheres, podendo ser observado o sucesso de público e de venda.

Foto 3 – Terceira feira agroecológica realizada na Praça Mirante das Mangueiras



Fonte: Arquivos feiras, 24 e 25/11/2018, Mirantes das Mangueiras, Tefé-AM.

No ano de 2019 foram realizadas seis feiras agroecológicas. No primeiro semestre, destacou-se a feira que ocorreu no dia 29 de março de 2019, que, apesar de ser a primeira realizada no ano e nesse dia ter chovido muito, atrasando o início do evento, o resultado apresentado foi satisfatório, pois foi arrecadada uma quantia bastante significativa.

No segundo semestre de 2019, ocorreram três feiras agroecológicas, todas realizadas no CEST-UEA. A primeira feira aconteceu no dia 4 de outubro e teve um público satisfatório. Foi contabilizado o valor total de R\$ 940,00 da venda dos produtos das mulheres. A segunda feira foi realizada no dia 1 de novembro, compareceram três mulheres, e apenas uma trouxe produtos para vender, arrecadando ao final o valor de R\$ 225,00, houve intempéries climáticas que inviabilizaram a vinda das mulheres. A terceira ocorreu no dia 06 de dezembro e foi bem satisfatória: participaram 14 mulheres na venda de seus produtos, e foi arrecadado o valor total de R\$1.599,00. O número médio de mulheres que participam da feira varia, bem como os resultados financeiros obtidos.

Observando as feiras realizadas nestes dois anos, percebe-se que cada feira é única, e que não contamos apenas com pontos positivos. Há uma variação no sucesso de cada feira, tanto pelos imprevistos que podem aparecer no dia do evento e/ou pela quantidade de mulheres participantes e de produtos levados por elas para vender. É possível perceber também que o público que frequenta a feira procura por produtos naturais como variedades de frutas, hortaliças, mel de abelha, óleo de andiroba e produtos artesanais.

Em relação às possibilidades que o projeto proporciona às envolvidas, destaca-se um caminho para a independência financeira das pequenas produtoras rurais e a construção de saberes em relação às suas produções. E, para o público, proporciona a opção do consumo ecologicamente sustentável.

Além do dinheiro arrecadado, destaca-se também a troca de saberes do projeto, que é muito significativa tanto para as mulheres rurais quanto para os parceiros e para o público que interage diretamente com elas, por meio das feiras, oficinas, palestras ou reuniões, garantindo a possibilidade de participação inclusive da comunidade consumidora. A troca de saberes é um ponto que não acontece apenas durante a feira, mas é algo que está implementado nas reuniões, nas quais são discutidos diversos assuntos de interesse sobre a feira, o modo de produção ecológica e assuntos relacionados à política e saúde, dentre outros. Outro tema muito importante abordado nos encontros é o feminismo e o empoderamento feminino, e que traz benefícios ao projeto e às mulheres rurais, visto que, cada vez mais, elas se empoderam e ajudam umas às outras.

Entre os pontos negativos que dificultam a realização das feiras, destacamos a vulnerabilidade e a estocasticidade ambiental (clima). Como exemplo disso, a chuva que impossibilitou a vinda das mulheres à cidade, como na feira do dia 1º de novembro de 2019. Além disso, as mulheres mencionam que no período de seca do rio também se torna difícil o transporte de seus produtos. Outras dificuldades citadas são o tempo de produção de alguns produtos para levarem à feira, a conservação das hortas e também a falta de recipientes adequados para armazenarem as hortaliças.

Como discutido por Cardoso e Rodrigues (2009), o processo de intercâmbio e sistematização de experiências protagonizadas por mulheres contribui para o aprofundamento da reflexão sobre Agroecologia e para a desconstrução dos papéis socialmente atribuídos às mulheres, trazendo à tona alguns debates políticos que já começam a influenciar as organizações, entre eles: o aprofundamento da discussão sobre os elos entre feminismo e Agroecologia; o acesso das mulheres aos mercados; a incorporação da valorização da autonomia financeira e política nas experiências; e o enfrentamento da violência contra as mulheres.

Notas conclusivas

Podemos perceber que a Agroecologia fornece os princípios ecológicos básicos para o ser humano e, associada ao feminismo, promove uma mudança social e econômica, além de ambiental. Assim, a realização das feiras agroecológicas pelo projeto e a partilha de saberes entre os grupos de mulheres resultam na construção de uma comunidade ecológica que, aos poucos, pode mudar os hábitos de uma sociedade pela adoção de práticas e consumo sustentável, além de oportunizar a inserção das mulheres nos espaços de participação de saberes como a Universidade.

Durante todo o desenvolvimento do projeto, as experiências educativas possibilitaram mudanças na vida tanto das mulheres envolvidas e de suas famílias, como também no nosso modo de vida, como acadêmicos e sujeitos sociais. A troca de saberes nos permitiu a construção de diálogo entre os saberes acadêmicos e os populares, estreitando os laços entre a universidade e a sociedade.

Referências

ALTIERI, M. A. Agroecología: principios y estrategias para diseñar sistemas agrários sustentables. *In*: SARANDON, S. J. **Agroecología: el camino hacia una agricultura sustentable**. Buenos Aires: La Plata, Ediciones Científicas Americanas, 2002.

ALTIERI, M. **Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável**. 5. ed. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2008.

AMOROZO, M. C. M. Construindo a sustentabilidade: biodiversidade em paisagens agrícolas e a contribuição da etnobiologia. *In*: ALBUQUERQUE, U. P.; ALVES, A. G. C.; ARAÚJO, T. A. S. (org.). **Povos e paisagens: etnobiologia, etnoecologia e biodiversidade no Brasil**. Recife: NUPEEA, 2007.

CAMARANO, A. M.; ABRAMOVAY, R. **Êxodo rural, envelhecimento e masculinização do Brasil: panorama dos últimos 50 anos**. Rio de Janeiro: Ipea, 1999.

CAPORAL, F. R. **Agroecologia: uma nova ciência para apoiar a transição a agriculturas mais sustentáveis**. Brasília: EMBRAPA, 2009. Disponível em: http://www.cpsa.embrapa.br:8080/public_eletronica/downloads/OPB2442.pdf. Acesso em: 10 jul. 2020.

CARDOSO, E. M.; RODRIGUES, V. S. Mulheres construindo a agroecologia no Brasil. **Agriculturas**, v. 6, n. 4, dez. 2009. Disponível em: http://aspta.org.br/files/2011/05/Agriculturas_v6n4.pdf. Acesso em: 10 jul. 2020.

FAO. **The state of food security and nutrition in the world 2017**: building resilience for peace and food security. Rome: FAO, 2017. Disponível em: <http://www.fao.org/3/a-i7695e.pdf>. Acesso em: 9 set. 2020.

FERREIRA, A. P. L.; MATTOS, L. C. Convergências e divergências entre feminismo e agroecologia. **Cienc. Cult.**, São Paulo, v. 69, n. 2, p. 38-43, 2017. Doi: 10.21800/2317-66602017000200013. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252017000200013. Acesso em: 17 jun. 2020.

FREITAS, E. R.; BLANCO, M. S. S. G. **Agroecologia**: conceitos. 2010. Disponível em: http://www.infobibos.com/Artigos/2010_2/agroecologia/index.htm. Acesso em: 23 mar. 2020.

NANDI, A. As (in)visibilidades das mulheres no meio rural contemporâneo: o caso das agricultoras familiares de Rolante (RS). *In*: ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA. 12., 2014, São Leopoldo. **Anais** [...]. São Leopoldo: ANPUH-RS, 2014.

OLER, J. R. L. **Etnobotânica e diversidade genética de mandioca (Manihot esculenta Crantz)**: a manutenção da agrobiodiversidade em comunidades tradicionais de Jangada, Mato Grosso, Brasil. 2017. 149 p. Tese (Doutorado em Biologia Vegetal) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Rio Claro, 2017.

SANTOS, F. P.; CHALUB-MARTINS, L. Agroecologia, consumo sustentável e aprendizado coletivo no Brasil. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 38, n. 2, p. 469-483, abr./jun. 2012. Doi: 10.1590/S1517-97022011005000008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/fLGRyZCnRNGkPYt7sGWXbyG/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 15 jun. 2020.

SARAGOSO, T. M. R.; MACHADO, L. G.; GARCIA, G. M. Agroecologia: uma ciência interdisciplinar. **Revista de Pesquisa Interdisciplinar**, Cajazeiras, v. 3, n. 1, 107-113, jan./jul. 2018. Disponível em: <https://cfp.revistas.ufcg.edu.br/cfp/index.php/pesquisainterdisciplinar/article/view/566>. Acesso em: 15 jun. 2020.

SCHNEIDER, C. O.; WEDIG, J. C. Na agroecologia as mulheres vendem, produzem e decidem: análises sobre participação das mulheres na produção agroecológica. *In*: COLÓQUIO INTERNACIONAL FEMINISMO E AGROECOLOGIA, 3., 2020, Recife. **Anais** [...]. Disponível em: <http://cadernos.aba-agroecologia.org.br/index.php/cadernos/issue/view/7>. Acesso em: 17 jul. 2020.

SHIVA, V. **The violence of green revolution**: third world agriculture, ecology and politics. Lexington: University Press of Kentucky, 2016.

SILIPRANDI, E. Mulheres agricultoras no Brasil: sujeitos políticos na luta por soberania e segurança alimentar. **Pensamiento Iberoamericano**, Madri, n. 9, p. 169-183, 2011.
Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3710909>. Acesso em: 15 maio 2020.

Submetido em 30 de junho de 2020.
Aprovado em 26 de outubro de 2020.